

## Se um Testemunho na Escuridão dos Arquivos – Parte Final

### Whether a Testimony in the Dark of the Archives – Final Part

Édio Raniere; Cleci Maraschin

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

#### RESUMO:

Se um Testemunho na Escuridão dos Arquivos é uma pequena cartografia que se apresenta em três ensaios. As duas partes iniciais estão publicadas pela Revista Mnemosine em seus Vol 9, n.2 e Vol 10 n.1. Nesta última etapa do trabalho enfrentamos questões como: quais as condições de possibilidade que deram emergência às Medidas Socioeducativas? Como a Socioeducação veio à tona, transformando-se em política pública destinada a tantos jovens, servindo, inclusive, como pressuposto à elaboração da Lei 12.594, de 18 de Janeiro de 2012 – SINASE? Fundamental é ressaltar que esta cartografia não possui volição prescritiva, não há aqui intenção alguma de apontar soluções ou possibilidades aos complexos problemas socioeducativos. Nossa singela contribuição ao debate se reduz a uma tentativa de cartografar a invenção de um conceito – medidas socioeducativas – amplamente utilizado na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Medidas Socioeducativas; Adolescentes em Conflito com a Lei; ECA; SINASE.

---

#### ABSTRACT:

*If a Witness in the Dark Files* is a small cartography that is presented in three essays. The first two parts are published by Mnemosyne Magazine Vol 9, n.2 and Vol? n. ?. In this last stage of the work we face issues such as: what are the conditions of possibility that gave emergency to the educational measures? How socioeducation came to light, becoming a public policy destined to many young people, serving, including, as a prerequisite to the preparation of Law 12.594, of January 18, 2012 - SINASE? Is crucial to emphasize that this mapping does not have prescriptive volition, there is no intention here to point solutions or possibilities to the complex socioeducational problems. Our simple contribution to the debate boils down to an attempt to map the invention of a concept - educational measures - widely used nowadays.

**Key-words:** Socioeducational Measures; juvenile offenders; ECA; SINASE

---

### **A Invenção das Medidas Socioeducativas**

Uma vez armados, nossos adolescentes em fuga roubam um carro. Com o destino soprando a favor, tanque cheio, dirigem por horas, evitando rastros à polícia já em diligência. Souza foi quem traçou o plano: seguir até a gasolina terminar. Neste *on the road* roleta russa, Porto Alegre acabou sendo a escolha. Próximo ao cruzamento da Avenida Ipiranga com a Ramiro Barcelos, o carro para. Ambos se olham, nenhuma palavra, apenas um leve aceno com a cabeça. Sabem que chegou o momento. Desembarcam, conferem as armas. Para onde? Um minuto de impasse, dois, três...

– Uau, que mina! Olha isso primo....

Afectados pelo corpo de uma adolescente transeunte deixam-se guiar por seus passos cadenciais, adentrando, assim, ao campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No bar da psicologia a garota encontra colegas de curso, parando para conversar. Silva e Souza sentam-se à mesa ao lado, deslumbrados também com as amigas.

– Conseguiu fazer o trabalho de Psicologia Social?

– Era pra hoje?

– Sim – risos...

– Ai! Estou ferrada – levantando-se num susto

– Aonde você vai?

– Na biblioteca ver se acho o livro...

Silva e Souza entreolham-se, enquanto a palavra ‘biblioteca’ faz ecoar, suavemente deixam seus assentos, passando a seguir, novamente, a bela estudante de psicologia. Na porta do prédio encontram um funcionário da segurança, que barra a entrada afobada da adolescente, solicitando identificação. Estudam o caso. A porta da biblioteca à esquerda, ao fundo dois seguranças protegendo as chaves, à direita o responsável pela vistoria de entrada. Acendem um cigarro, aguardam. Lá pelas tantas, do prédio ao lado – Faculdade de Bioquímica –, outro funcionário faz um aceno, pede ajuda aos colegas de trabalho, mas apenas um deles deixa o posto.

– Você faz a frente, eu fico de campana...

Silva faz sinal positivo com a cabeça. Souza invade o prédio dando voz de assalto. Ao apontar a arma para o guardião das chaves permite que Silva direcione sua pistola à cabeça do responsável pela vistoria. Ambos os adolescentes exigem que todos, inclusive os funcionários da fotocópia, deitem-se no chão. Uma breve pausa –

perplexidade imóvel – obriga Souza a disparar o primeiro tiro, a compreensão é imediata: corpos espalhados ao solo. Dando cobertura ao amigo, conforme combinado, o emissor do disparo captura a chave indicada. Silva entra na biblioteca, seguido pelo comparsa. Imediatamente, Souza tranca a porta com a chave e arrasta o balcão criando uma escora. Na biblioteca repetem o procedimento, exigindo agora acesso aos livros. A bibliotecária, em prantos, tenta explicar que se trata de uma instituição pública, onde os livros são de todos, que não existe motivo para violência. Os adolescentes acham graça e explicam a ela que se fosse assim não haveria necessidade de seguranças na porta de entrada. Em meio a risos e tremores, ruidosas sirenes esfriam as conversações, tudo indica não se tratar do melhor momento para debater o papel da universidade pública. Uma vez no pátio, a polícia inicia a negociação. Os adolescentes ameaçam matar a todos, caso a polícia invada a biblioteca.

– Vocês têm a minha palavra de honra que não iremos invadir – no megafone, em longos bigodes, fala o capitão da brigada. Vamos negociar, o que vocês querem em troca dos reféns?

– Queremos ler os livros...

– Quantas pessoas estão aí dentro com vocês?

Eram duas bibliotecárias, quatro estudantes que por sorte do destino realizavam suas pesquisas naquele instante e mais dois funcionários da biblioteca.

– Oito!

– Vamos combinar o seguinte: para cada refém libertado damos a vocês quinze minutos de leitura.

– Nada disso, queremos uma hora em troca de cada refém...

– Uma hora é impossível, não tenho como garantir todo esse tempo.

– Trinta minutos então, ou mato um por um – gritando, exaltado, Souza dispara três tiros estilhaçando o vidro da porta.

– Tranquilo, fiquem calmos; fiquem calmos. Garanto os trinta minutos por refém. Está certo. Dou minha palavra. Mas precisamos iniciar a libertação imediatamente...

Nossos infratores, em rápida deliberação, decidem soltar duas pessoas. Silva escolhe libertar a bela estudante de psicologia, que assustada abaixo da mesinha do computador, havia urinado em sua calça de couro carmim. Souza, que coordena a operação, percebe que a liberação da porta necessita de certa força física, decidindo-se assim por um dos funcionários. Ao lhe passar a chave, ordena que afaste a escora da

porta lentamente. Durante todo o procedimento mantém a arma apontada as cabeças de ambos os reféns. Uma vez libertados, volta a trancar a porta e protegê-la com o balcão. O capitão da brigada se irrita com a estratégia, exige que todos os reféns sejam soltos imediatamente. Souza garante que todos serão libertados caso a polícia não cometa nenhuma bobagem. Após um agressivo bate boca o capitão cede. Os infratores possuem agora uma hora de leitura. Por onde começar? Eram muitos livros...

– Que tal esse, primo?

– Poema Pedagógico? Aí não vai ter nada pra gente, veio. Poesia vai nos ajudar em quê?

– Mano, as mina pira nas poesia, tá ligado?

– Nunca li essas coisas...

– Por isso que tu não pega ninguém – risos – sem mancada aí primo. Mas lembra daquele irmãozinho do Paraná que puxou provisória com a gente na galeria dos sentenciados?

– Verdade, o Neves. Que é que tem ele?

– Ele pegou a MC Belli...

– Aquela que canta ‘As mina também são do crime’?

– Pior! E sabe como?

– Dá a letra aí...

– Fez uma poesia pra ela...

– Firmeza! – um tanto incrédulo. Fica aí com tuas poesias que vou garimpar um livro sobre quadrada...

Silva inicia a leitura do clássico de Makarenko, Souza caminha pelos corredores da biblioteca revirando um acervo que a respeito de armas de fogo nada tinha a lhe oferecer. Depois de vários minutos...

– Veio! Corre – entusiasmado, Silva chama pelo amigo –, cola aí, primo, encontrei o pilantra...

– Encontrou? Mas nesse livro de poesia?

– O livro não fala de poesia, conta a caminhada de um educador que montou uma unidade de internação...

– Então é ele? É esse educador que manda prender a gente? Eu sabia que só podia ser coisa de educador...

– Não é isso, mano. Escuta a parada aqui oh: “Nos primeiros dias eles nem mesmo nos ofendiam, simplesmente nos ignoravam. À tarde, saíam livremente da colônia e voltavam de manhã, sorrindo contidamente diante da minha compenetrada reprimenda sócio-educativa” (MAKARENKO, 2012: p.19).

– O que tem isso?

– Como chama a cadeia de onde a gente pegou o beco?

– Centro de internação socioeducativo, por quê?

– E quando o Juiz mandou te prender, o que ele disse que tu ias cumprir?

– Disse que eu ia cumprir uma medida socioeducativa de internação. Mas e daí, dá o papo reto, mano...

– Socioeducação, veio, socioeducação...se liga na fita aí...

– Quem manda prender os menor é esse tal de socioeducação?

– Tem outro trecho aqui onde o educador recebe uma ordem do chefe dele, olha essa letra: “O principal é que, sabe... não se trata de alguma colônia de delinquentes juvenis qualquer, mas, você entende, é a Educação Social... Precisamos de um homem novo assim... um que seja nosso! E você trate de construí-lo” (MAKARENKO, 2012: p.13).

– Olha só, ele é bem azul. Inverte os nomes achando que a gente não se liga, só pra dá um perdido. Então a parada dele é prender os menor para fazer lavagem cerebral...

– Lavagem cerebral?

– O chefe não mandou prender os manos pra criar novos homens?

– Mandou, e daí?

– Como é que ele vai fazer isso nos irmãozinho? Só mesmo com lavagem cerebral...entrando na mente dos di menor igual os psicólogo lá da unidade.

– Não, primo, não é lavagem cerebral, chama-se educação social...

– Sei lá, dá na mesma; temos é que achar o educador que inventou isso e apagar logo o verme...

– Já se passaram cinquenta minutos – no megafone a voz do capitão –, está na hora de vocês soltarem os reféns.

– Quem vamos soltar agora?

– Tanto faz, primo, pode ser esses dois ali, ganhamos mais uma hora...

– Calma, mano. Isso aqui é tipo uma escola, esses playboys leem um monte de livro. Vai que algum deles – apontando as pessoas no chão – conhece o socioeducação...

– Isso é fácil de saber – Souza caminha em direção aos reféns, retira a arma da cintura numa dramática demonstração de poder e diz –, tem muita gente aqui dentro, eu e o mano ali decidimos matar vocês – o pânico se alastra; gritos, choro. Souza exige silêncio, ninguém se cala. A coronhada nos alvos dentes de um aluno que fazia o estilo amigo dos bichinhos de estimação resolve o problema. O vermelho do sangue pinga como tinta. Uma boca delicadamente esculpida por décadas de arte odontológica, agora completamente arruinada.

– Assim é melhor – diz Souza –, a parada é a seguinte: vou sentar o dedo em todo mundo aqui, exceto quem me dar a letra sobre um pilantra...como é mesmo o vulgo dele Silva?

– Socioeducação...

– Isso, quem me der a letra sobre esse pilantra eu não mato, os outros vão pro zinco agora mesmo...

Em meio aos estudantes, choro contido, gritos abafados, ergue-se uma mão trêmula. Lá fora o Capitão inicia a contagem dos últimos cinco minutos, ameaça invadir a biblioteca. Silva se aproxima do amigo, ambos analisam, com calma, o receoso sujeito. Uns 35 anos, aproximadamente, barba, cabelos revirados, curiosamente trajava bermuda, camiseta e chapéu panamá: uma combinação um tanto insólita aos infratores olhares. Não parecia, contudo, representar-lhes nenhum tipo de risco.

– Levanta! Mande levantar, playboy, é surdo?

Com ambas as mãos, mais trêmulas que antes, sobre a cabeça, o sujeito ergue-se entre o medo e a curiosidade.

– O que tá fazendo aqui, comedor de sucrilho?

– Eu estudo aqui, faço doutorado em psicologia social...

– Teu nome?

– Édio... Édio Ranieri

– De onde tu conhece o Socioeducação?

– Minha pesquisa de doutorado é sobre Medidas Socioeducativas, talvez eu possa ajudar vocês...

Faltava apenas um minuto na contagem regressiva feita pela polícia. Silva percebe a oportunidade que tem em mãos. Propõe a Souza que soltem dessa vez quatro pessoas, mantendo como reféns apenas uma das bibliotecárias e o doutorando. Souza

aceita a sugestão do amigo. Com a troca realizada, a ampulheta é invertida mais uma vez, a areia que começa escorrer dispara duas horas de tensão.

– Dá a tua letra aí playboy, o que você sabe sobre o socioeducação?

– Bem, as medidas socioeducativas aparecem pela primeira vez no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, tornando-se pouco a pouco sinônimo de política pública direcionada à adolescente em conflito com a lei no Brasil. Em 2006 a Secretaria Especial de Direitos Humanos – SEDH – em parceria com o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – Conanda – oficializa a utilização do conceito com a publicação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE. Em 2012 é promulgada a lei Nº 12.594, DE 18 DE JANEIRO DE 2012 que Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, regulamentando a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional em todo território nacional.

– Tá vendo, primo, falei que ele colava numa pá de lugares – diz Silva ao seu comparsa.

– Essa conversa tá fazendo curva, quer dizer que o socioeducação aparece assim do nada e pula pra se esconder dentro desse tal de Estatuto?

– Essa é uma grande questão. Venho pesquisando a entrada deste conceito no Estatuto há um bom tempo. Descobri que em nenhum documento oficial, antes de 1990, há qualquer referência a ele. Não há nenhum indício sobre socioeducação no Código de Mello Matos, nas normativas das Escolas de Reforma, do Serviço de Atenção ao Menor – SAM – da Funabem ou do código de menores de 1979. Também não existe nenhuma referência a ele nos documentos internacionais que serviram de apoio para criação do Estatuto.

– Tô achando que esse comedor de sucrilho tá tirando uma onda com a nossa cara...

– O papo aqui tem que ser reto, playba – encostando o cano da arma na orelha do doutorando.

– Calma, calma...eu, eu não sei mesmo, venho lendo todas as teses e dissertações defendidas sobre o tema, não achei nada até agora – chorando –, por favor não me matem...

Apreensiva com a situação, a bibliotecária se propõe a ajudar. Sugere uma busca em várias bases de dados. Os adolescentes, desconfiados, seguem-na até o computador. Após dois tapas na cara, o doutorando é arrastado na mesma direção. [Scopus](#), Proquest,

[World Politics Review](#), Lexis Nexis, Web of Science, Ebsco, [Portal da Pesquisa](#), Portal da Capes...

– Incrível! – diz a bibliotecária, após vários minutos de pesquisa. Não aparece nada a respeito.

– Vai negar voz pra gente? – depois de um cotovelaço, novamente a arma na cabeça. Melhor desembuchar de uma vez, playboy, ou você fala ou eu sento o dedo e tua tese acaba aqui mesmo...

– Eu não sei mais o que fazer – chorando compulsivamente –, li tudo que encontrei, conversei com todos os pesquisadores próximos ao tema, ninguém sabe, ninguém ouviu falar, nem ao menos uma pista me deram...

– Nosso tempo tá acabando, o teu vai acabar também. Dez minutos, se em dez minutos esse papo não for reto vais pro zinco...

Édio Raniere corre ao computador, tropeça, levanta. Onde buscar? Entra no metabuscador do Portal da Capes, na Scielo, procura alguma publicação recente. Nada. Nervoso, bate com as mãos na mesa e machuca os dedos. Silva acha graça. Para quem perguntar? Quem ainda não havia consultado entre todos os pesquisadores? Em sua caixa de e-mails vasculha pessoas, de alguma forma, relacionadas às medidas socioeducativas. Desesperado, abre também, sabe-se lá por que, talvez desorientado pelo hábito diário em verificar as atualizações, sua página do Facebook. Entre os amigos online encontra Thelma Alves de Oliveria. Resolve arriscar:

Édio Raniere:

Oi Thelma; td joia? Tô pesquisando a entrada do conceito de socioeducação no eca. Tu tens alguma pista de como aconteceu? Descobri que no código de mello matos de 1927 e no código de menores de 1979 em nenhum momento se fala de medidas socioeducativas; achei curiosa essa questão e comecei a pesquisar. Já passei pelas legislações internacionais (regras mínimas das nações unidas, regras de beinjing, diretrizes de riad e todas as outras); também pelos códigos brasileiros e nada. Nem uma linha se quer. Sei que a educação social tem uma longa história, sei também da influência de Makarenko sobre o pensamento de Antônio Carlos Gomes das Costa. Mas não estou conseguindo cruzar os dois mundos. Ou seja, como foi que o conceito de socioeducação entrou no ECA, quem o trouxe, com que finalidade? Qualquer pista me ajuda. Grande beijo

Thelma Alves Oliveira:



Olá querido.

Vou te contar o que ouvi. O Antônio Carlos Gomes da Costa disse que ele cunhou o termo socioeducação, que foi um insight dele quando da escrita do ECA.

Como foi ele que me disse isso sempre acreditei. Talvez um contato com o povo dele, ou outros escribas do ECA podem confirmar essa origem. E o conceito é exatamente o que ele diz. Tem um material que ele trabalhou para SDH sobre socioeducação, deve ter no site. (parâmetros ou algo assim) se vc tiver dificuldade de achar me diga que procuro por aqui uma cópia, ok?

– Insight?

Estupefacto, Édio Raniere, permanece em frente à tela do computador. Sem conseguir fechar a mandíbula, escorre pelo canto esquerdo de seus lábios um longo filete de saliva. A bibliotecária, que assiste a espessa e translúcida cena, preocupada, dirige-se ao doutorando sem chamar a atenção dos adolescentes.

– Está tudo bem?

– Eu, eu... – engolindo a baba – acho que encontrei...olha isso! – em silêncio, ela faz a leitura.

– Uma pena! Dificilmente vais conseguir usar essa entrevista na tese...

– O que? – Édio Raniere sai do transe, discute com a bibliotecária, os adolescentes percebem a movimentação.

– O que tá pegando aí, Playboy?

– Eu encontrei. Tudo faz sentido agora. Foi Antônio Carlos Gomes da Costa quem trouxe o conceito para o Estatuto...

– Na verdade essa postagem não vale de muita coisa – diz a bibliotecária –, pois não há como validá-la.

– Validar o que Dona? A mulher tá dizendo aí que esse Antônio Carlos inventou a parada, ela conhecia ele, por que você não bota fé? – pergunta Silva à bibliotecária...

– Não sou eu, uma pesquisa acadêmica exige procedimentos...

– Procedimento? – Souza empunha a arma novamente. Vou dar um procedimento pra senhora – com a arma raspando a orelha da bibliotecária. Que porra é essa, Dona? Já falei que aqui o papo tem que ser reto...

– Precisa, precisa – nervosa a bibliotecária deixa cair o mouse do computador – ser validado por pares...

– Pares? Dona, vou meter bala agora se essa conversa continuar assim...

– Outras pessoas, ele precisa encontrar outras pessoas que confirmem o depoimento da Thelma.

– Aí Playboy, sacou a parada? Tens mais dez minutos...

Empolgado com a descoberta, o doutorando retorna à rede social e redige basicamente o mesmo texto ao paranaense Dr. Olympio de Sá Sotto Maior Neto e ao gaúcho Dr. João Batista Costa Saraiva. Ambos redatores, ao lado de Antônio Carlos Gomes da Costa, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Hoje, referências nacionais em se tratando de direitos da criança e do adolescente.

Édio Raniere:

Bom dia Dr. Olympio. Sou pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou finalizando minha tese de doutorado em Psicologia Social. O tema que venho pesquisando são as Medidas Socioeducativas. E estou tendo bastante dificuldade em encontrar informações a respeito da entrada deste conceito (socioeducação) no Estatuto da Criança e do Adolescente. Numa conversa com Thelma Alves de Oliveira, com quem tive a honra de trabalhar na Secretaria de Estado da Criança e da Juventude do Paraná, me foi sugerido entrar em contato com o senhor. Tomei a liberdade de lhe escrever por sugestão de sua secretária, Raquel. Pois bem, no decorrer desta pesquisa descobri que no código de Mello Matos de 1927 e no Código de Menores de 1979 em nenhum momento se fala de medidas socioeducativas; achei curiosa essa questão e comecei a aprofundar. Já passei pelas legislações internacionais (regras mínimas das nações unidas, regras de beijing, diretrizes de riad e todas as outras); também pelos códigos brasileiros e nada. Nem uma linha se quer. Sei que a educação social tem uma longa história, sei também da influência de Makarenko sobre o pensamento de Antônio Carlos Gomes da Costa. Mas não estou conseguindo cruzar os dois mundos. Já que não encontro nada publicado a esse respeito. Sabendo de sua participação na elaboração do ECA é que pergunto: o senhor teria memória deste momento? Ou seja, teria alguma lembrança de como foi que o conceito de socioeducação entrou no ECA, quem o trouxe, com que finalidade? Grato pela atenção, Édio Raniere.

Olympio Sotto Maior Neto:

Caro Édio,

Em primeiro lugar, registro minha alegria em saber que futuramente teremos na nossa bibliografia da Infância e Juventude tua tese sobre as medidas sócio-educativas. Tenho para mim que quem trouxe o conceito de sócio-educação foi mesmo o Antônio Carlos Gomes da Costa, com a ideia de que, para além de um caráter sancionatório, as medidas socioeducativas se direcionam a atender às necessidades pedagógicas do adolescente que praticou um ato infracional, sempre na perspectiva de melhor compreensão da realidade e de efetiva

integração social. Vou tentar encontrar material do Antônio Carlos se referindo especificamente a isso. Manterei contato. Forte abraço.

Édio Raniere:

Bom dia Dr. Saraiva. Sou pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou finalizando minha tese de doutorado em Psicologia Social. O tema que venho pesquisando são as Medidas Socioeducativas. E estou tendo bastante dificuldade em encontrar informações a respeito da entrada deste conceito (socioeducação) no Estatuto da Criança e do Adolescente. Numa conversa com Gerson Pereira, me foi sugerido entrar em contato com o senhor. Tomei a liberdade de lhe escrever então. Pois bem, no decorrer desta pesquisa descobri que no código de Mello Matos de 1927 e no Código de Menores de 1979 em nenhum momento se fala de medidas socioeducativas; achei curiosa essa questão e comecei a aprofundar. Já passei pelas legislações internacionais (regras mínimas das nações unidas, regras de beijing, diretrizes de riad e todas as outras); também pelos códigos brasileiros e nada. Nem uma linha se quer. Sei que a educação social tem uma longa história, sei também da influência de Makarenko sobre o pensamento de Antônio Carlos Gomes das Costa. Mas não estou conseguindo cruzar os dois mundos. Já que não encontro nada publicado a esse respeito. Sabendo de sua participação na elaboração do ECA é que pergunto: o senhor teria memória deste momento? Ou seja, teria alguma lembrança de como foi que o conceito de socioeducação entrou no ECA, quem o trouxe, com que finalidade? Grato pela atenção, Édio Raniere.

João Batista Costa Saraiva:

Bom dia Édio. A ideia veio capitaneada por Antônio Carlos Gomes da Costa. Foi ele quem trouxe o conceito e trabalhou sob o viés pedagógico. A Pastoral do Menor encampou a ideia.

Petrificada, desde o convite silencioso para segunda leitura a bibliotecária permanece em frente ao computador. Sorrindo, Raniere convida à celebração, também, os pesquisadores em conflito com a lei.

- Aí dona, que cara gardenal é essa?
- Foi ele mesmo!!!
- Mas a gente já sabia, por que só agora a senhora ficou de cara?
- Porque agora tem comprovação científica...
- Dona, a senhora está chapada de ciência...

Todos riem. O clima torna-se menos tenso. A bibliotecária não consegue aceitar o fato de não haver publicações a respeito. Enquanto ela retoma as pesquisas em suas bases de dados, Silva apanha o livro de Makarenko, sentando-se ao lado de Raniere.

– Muito antes desse tal Antônio Carlos Gomes da Costa, o Makarenko já falava em socioeducação...

– Sim! Claro que sim – impressionado com a perspicácia do adolescente

– Por que, então, quem assina o B.O é o Antônio Carlos?

– Por que Antônio Carlos reinventa o conceito.

– Solta o verbo...

– Vocês me ajudaram a encontrar a peça que faltava num imenso quebra cabeças, agora tudo faz sentido. Olha só:

1 – Em 1977, Antônio Carlos Gomes da Costa assume a direção da Escola Febem Barão de Camargos. Apesar da formação em pedagogia e da paixão por Paulo Freire, depara-se com uma barreira pedagógica intransponível. Como educar adolescentes em conflito com a lei?

2 – Em parceria com sua esposa, Maria José, também pedagoga na mesma instituição, inicia uma pesquisa: que método, que conceitos, que respostas dar aos problemas que enfrentavam naquela instituição.<sup>1</sup>

3 – Encontram, por fim, no Poema Pedagógico de Makarenko um possível:

(...) nas minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soma total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante dos meus olhos. No começo eu nem sequer compreendi, mas simplesmente vi, que eu precisava não de formulas livrescas, as quais não poderia aplicar aos fatos de qualquer maneira, mas sim de uma análise imediata e uma ação não menos urgente (MAKARENKO, 2012: 21-22).

4 – Esta abertura às forças, em contrapartida às formulas livrescas, incitada por Makarenko, encoraja Antônio Carlos a fazer o mesmo; o pedagogo mineiro inicia um experimento muito bem sucedido, que lhe traz notoriedade nacional, a presidência da Febem e o convite para relatoria do Estatuto da Criança e do Adolescente.

5 – Durante os debates que levaram à criação do ECA, Antônio Carlos expõe um conceito retirado do Poema Pedagógico de Makarenko: Socioeducação. Este conceito permite enfatizar o carácter pedagógico das novas políticas públicas direcionadas aos adolescentes em conflito com a lei e ao mesmo tempo realizar uma crítica aos códigos anteriores. Este novo conceito, ao lado da terminologia já disposta pelos Códigos de Mello Matos e Código de Menores – Medidas – estabelece a fusão: Medidas Socioeducativas.

6 – Contudo, em Makarenko, educação social, socioeducação, educação socialista e educação para o socialismo possuem a mesma conotação. O período, pós-revolução bolchevique, em que Makarenko está atuando tem na educação social o modelo oficial de pedagogia Soviética. O que este pedagogo ucraniano irá desenvolver será um profundo debate com esta pedagogia.

*(...) a minha pedagogia era uma pedagogia bolchevique, e que o tipo do ser humano que eu sempre tive por modelo não era apenas uma bonita invenção e um belo sonho meu, mas uma realidade autêntica e verdadeira, tanto mais perceptível para mim, na medida em que se tornou parte integrante do meu trabalho* (MAKARENKO, 2012:624).

*(...) eles trouxeram consigo uma coleção de achados, tradições e adaptações, todo sortimento de técnica coletiva, a jovem técnica do homem liberto do domínio de outro homem. E sobre um solo novo e sadio, cercada pelos cuidados dos tchequistas, diuturnamente apoiada pela sua energia, cultura e talento, a comuna cresceu e se transformou num coletivo de ofuscante beleza, verdadeira riqueza obreira, elevada cultura socialista, **não deixando sobrar quase nada do ridículo problema da 'reforma do ser humano'*** (MAKARENKO, 2012: 640; grifo nosso).

7 – No Brasil, a tradição da reforma, explicitamente aplicada no período de Mello Matos, via Escolas de Reforma, Serviço de Atenção ao Menor, na ditadura militar via Fundação do Bem Estar do Menor, e durante a vigência do Código de Menores através da doutrina da situação irregular adentra ao Estatuto da Criança e do Adolescente através da Educação Social. Ou seja, paradoxalmente, a Socioeducação, conceito oficial da educação bolchevique, será utilizada como atualização à utopia correcional, à reforma do ser humano.

8 – A entrada deste conceito no Estatuto da Criança e do Adolescente cria um novo possível em termos de reforma. O qual não estará mais determinado pela administração do tempo, passando a ser agenciado, também, pela identidade do adolescente em conflito com a lei. Esta utopia correcional, longe de ter como modelo o homem socialista, apoia-se no mercado, no empreendedorismo, no protagonismo juvenil, na criação e conclusão de metas. Uma máquina de reformar infratores cujo funcionamento se dá pelo agenciamento da estranha adaptação de um conceito bolchevique com três grandes tecnologias do capitalismo mundial integrado: Responsabilidade, Identidade e Direitos Humanos.<sup>2</sup>

9 – Assim, apesar da incontestável influência de Makarenko sobre o pensamento de Antônio Carlos, torna-se evidente que o pedagogo brasileiro praticava, em última instância, uma pedagogia liberal.<sup>3</sup>

Mais uma vez se ouve a voz rouca do capitão em seu cronológico megafone.

– O tempo acabou! Vocês têm cinco minutos para sair...

– Acabou coisa nenhuma seu verme; a gente ainda tem dois reféns.

– Soltem os reféns e saiam com as mãos para cima.

– Dona, é a vez da senhora...

– Só um minuto, eu não acredito nisso, ao menos um artigo escrito deve haver em algum lugar. Talvez se eu mudar a categoria...

– A senhora pesquisa no teu barraco, dona. Se a gente não te soltar agora os porcos vão invadir e pegar a gente...

– Sim, eu sei, só mais um minuto – ansiosa digitando nas bases de dados, sem nada encontrar...

– Vamos invadir em trinta segundos, soltem os reféns – no megafone a voz do capitão...

– Talvez aqui, não, quem sabe esse, também não – a bibliotecária não consegue se convencer.

– Chega dona – puxando a bibliotecária pelo braço, Souza a conduz até a porta. Pede que ela retire a escora, mas o peso é demais às delicadas mãos livrescas. Souza decide retirar, ele mesmo, a escora. Enquanto realiza o procedimento, a bibliotecária foge novamente ao computador, seduzida pela questão de pesquisa. Souza é obrigado a pegá-la no colo, carregando-a para porta.

– É impossível que não haja – batendo com ambas as mãos nas costas de Souza –, deve haver alguma publicação, eu não acredito – em estado bastante alterado, esperneia, grita, urra. Com a remoção do balcão, Souza se torna um alvo fácil, ao destravar a porta, no exato instante que a bibliotecária pisa do lado de fora uma bala certa atinge a frente de Souza. O sangue escorre sobre os livros, o papel branco encharca-se de vermelho...

– Filhos da Puta – Silva corre para socorrer o amigo, o chute na porta, o vidro estilhaçado, a polícia invade a sala. Silva apanha o revólver das mãos ensanguentadas de seu comparsa, retorna ao doutorando para utilizá-lo como escudo humano – Vou matar esse desgraçado aqui, é melhor vocês saírem ou esse playba já era...

Perfilados, lado a lado, empunhando cada qual sua escopeta, os atiradores do choque aguardam a ordem do Capitão. Édio Raniere pensa em Dostoievski, seu grande

mestre, o aguardado dia do fuzilamento, a morte anunciada. Em meio aos brutamontes mascarados uma voz feminina pede passagem. Sem conseguir convencê-los a ceder um centímetro de espaço, por entre pernas e coturnos pretos, surge Bruna Comel...

– Meu, o que vocês estão fazendo? Ninguém pode chegar aqui e matar as pessoas...

– Era só um personagem, moça, dá licença que a gente precisa fazer o nosso trabalho – responde um dos soldados.

– Não interessa se é personagem ou se não é, matar é crime e vocês não têm autorização pra isso...

– Temos sim – responde o mesmo soldado.

– Ah, é? E de quem, quem autorizou vocês a matarem esse menino?

– O autor!

– Toda autoria é um crime, meu filho – Bruna desafia o soldado que continua mirando a arma à cabeça de Silva, em posição de ataque como os demais – a criação é sempre coletiva e vocês não vão matar mais ninguém. Puxando uma cadeira, entre os destroços da biblioteca, Bruna se coloca entre o batalhão de soldados e o escudo humano forjado por Silva. Cruza as perninhas, acende um cigarro sem dar muita bola aos atiradores de elite, passando a encaminhar vários torpedos ao Coletivo Profanações. Em menos de cinco minutos doze guerrilheiros, em trajes coloridos, invadem a biblioteca cantando:

*C#m*

*Tenho receio do que vejo,*

*A                                  Ab*

*Medo de profanar nada!!*

*C#m*

*Faço da minha face esconderijo*

*A    Ab*

*Sou palhaço venha dar uma olhada*

*A                  Ab                                  B                                  C#m*

*Sendo esgotado, e que o toque explique mais que a razão*

*A                  Ab                                  B                                  C#m*

*Aquarela em meu rosto, que carrego como um frágil cristal*

*A                                  Ab*

*Muito e pouco a dizer*

A                    *Ab*  
*Vergonha frente a vocês*  
A                    *Ab*  
*Muito e pouco a dizer*  
A                    *Ab*  
*Vergonha frente a vocês*<sup>4</sup>

A canção contamina os atiradores que saem dançando com o grupo. Sozinhos, finalmente, na Biblioteca, Silva e Édio Raniere conversam...

- Eles mataram o Souza, vão acabar comigo também...
- Não, acho que não. Seria um desfecho shakespeariano demais...
- Qual vai ser então, seu?
- Que tal você se entregar...

– Se voltar pra unidade vou pegar medida uns três meses; na primeira semana me colocam de porquinho; quero não Seu...

– O que você gostaria de fazer, então?

– Queria mesmo era ficar sossegado que nem o Seu, aqui de boa, lendo livro, curtindo com as mina, de milhares esse negócio de pesquisa hein, Seu? Também queria escrever tese, ia fazer uma sobre a Vida Loka, é nois – sorrindo...

– E porque você não tenta?

– Dá não, Seu. Nem acabei a quarta série ainda. Não nasci pra viver essa vida.

– Quem sabe a gente possa dar um jeito nisso...

Silva olha intrigado para o doutorando que já em pé o convida para segui-lo. Ambos se dirigem à sala das bibliotecárias. Raniere acessa sua caixa de e-mails, encontra um PDF da tese que, por segurança, havia encaminhado como BKP. Baixa o arquivo, recorta um trecho e entrega a Silva, dizendo:

– Vamos trocar de roupa. Eu me visto de Silva e você de Édio Raniere – deixando chapéu, bermuda e camiseta sobre a mesa...

– Pra que isso, Seu?

– Para você assumir o meu lugar como doutorando. Quando a polícia voltar vão encontrar apenas você em trajes de Édio Raniere com um artigo em mãos, pronto para ser encaminhado a uma Revista Científica. Entendeu?

– Entendeu! Mas se o Seu colocar meus panos vai acabar preso...



- Está tudo bem, eu tenho um plano...
- O que o Seu vai fazer?
- Vou entrar no Ensaio...– vestindo rapidamente as roupas de Silva
- Pensei que o personagem fosse eu – diz Silva ao doutorando em devir. Édio Ranieri mergulha no artigo, transformando-se em autor ao lado de sua orientadora. Sozinho, com o megafone em mãos, chutando os destroços espalhados pelo chão da biblioteca, retorna o Capestão.
- O artigo está pronto?
- Sim, senhor. Aqui está...
- Deixe-me ver! Mas esta linguagem não é científica, o número de páginas é excessivo, são mais de oitenta páginas. Teu artigo mais parece uma peça de teatro. Que diabos você pensa estar fazendo?
- Problematizando a emergência das medidas socioeducativas, senhor!
- Mas este formato é ilegal. A ciência não tolera ilicitudes como esta. Você será condenado ao exílio, à errância. Não poderá participar de nossa divertida Gincana do Lattes.
- Puxa vida! Mas me esforcei tanto, senhor. Não me parece justo. Sonho ser professor universitário um dia e os concursos, todos, exigem publicações de artigos.
- Sinto muito, não vejo como isso possa se realizar.
- E se encontrássemos uma revista que, tal qual o Hospital Saint Alban, estivesse acolhendo os errantes de passagem? Para não ficar tão cansativo, poderíamos dividir a cartografia em três ensaios distintos e oferecer aos editores como uma espécie de coleção, a ser publicada em três números distintos da revista.
- Uma revista aberta aos clandestinos? Mas essa é muito boa – gargalhada incrédula. Terias alguma em vista?
- Sim! A Mnemosine...

**Glossário “Vida Loka”<sup>5</sup>**

<b>EXPRESSÃO</b>	<b>SIGNIFICADO</b>
“Amor só de mãe”	Amor incondicional; a mãe como o mais sagrado de todos os seres.
“Biqueira”	Local onde se vende crack.
“B.O”	Confusão
“Bronca”	Responsabilidade.
“Caminhada reta”	Agir segundo as leis do Vida Loka.
“Com todo respeito”	Expressão obrigatória sempre que se falar e/ou perguntar sobre a família de outro interno.
“Coruja”	Cueca, roupa íntima masculina.
“Dar a Letra”	Explicar.
“De Milhares”	Massa, legal, joia.
“Desacerto”	Algo que deu errado, complicação, confusão.
“Desenrolar”	Acerto de contas.
“Di Menor”	Adolescente em conflito com a lei
“Estar no mofo”	Expressão usada para se referir ao interno que cumpre uma medida disciplinar muito longa, geralmente isolado dos demais.
“Estoque”; “estocar alguém”	Arma branca fabricada dentro da unidade; utilizar esta arma para agredir ou matar.
“Enxergado”; “Ser enxergado”	Chamar a atenção negativamente, ficando visado pelos educadores e/ou pelos outros internos.
“Fazer um adiantio”	Assaltar, roubar.
“Ficar azul”	Ficar esperto, ligeiro.
“Ficar de porquinho”	Contenção onde as mãos são algemadas nas costas junto aos pés.
“Gardenal”	Louco, loucura.

“Inferno”	Unidade Socioeducativa.
“Jega”	Alojamento, cela.
“Ladrão”	Auto referência dos adolescentes em conflito com a lei; não possui sentido pejorativo, mas sim afirmativo.
“Noia”	Usuário de crack.
“Madeireiro”	Educador Social que age gentilmente com os adolescentes. Essa expressão tem sentido pejorativo.
“Marrocos”	Pão.
“Moca”	Café
Mocado	Escondido
“Parasita”	Palavrão, xingamento.
“Passar o pano”	Fazer um favor, ajudar, colaborar.
“Pedra”	Crack.
“Pegar o beco do inferno”	Fugir da unidade.
“Pinha”	Cabeça, cérebro, mente.
“Pira”	Pensamento, coisa, delírio.
“Pilantra”	Palavrão, xingamento.
“Primo”	Amigo.
“Quadrada”	Arma de fogo, pistola.
“Rato”	Palavrão, xingamento.
“Rachar”	Ser parceiro, colaborar com alguém
“Seguro”; “tirar pra seguro”	Adolescentes que cometeram crimes proibidos pelas leis dos “Vida Loka” (ex: estupro); ameaçar de espancamento ou morte.
“Tatu”	Escavação criada com finalidade de fuga.
“Truta”	Amigo.
“Vida Loka”	Identidade que muitos adolescentes internos de unidades socioeducativas se atribuem. Expressão aberta, onde cada adolescente imprime um sentido próprio.

“Virar a cadeia”	Complicar a vida, agredir alguém, criar confusão para alguém.
“X”	Alojamento, cela.
“Xeretar cueca embaixo do braço”	Questionar; reprovar uma ação.
“X9”	Delator, dedo-duro.
“Zinco”; “mandar pro zinco”	Mesa do necrotério; matar alguém.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O Que Resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Homo-Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O que é um dispositivo*. Trad. Nilcéia Valdati. Fala proferida por Giorgio Agamben em uma das conferências que realizou no Brasil, em setembro de 2005. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acessado em 08 de junho de 2011. Tradução foi feita a partir do original em italiano.
- \_\_\_\_\_. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Al di là dei diritti dell'uomo*. In: *Mezzi senza fine: notte sulla politica*. Torino: Bolatti Boringhieri, 1998, p. 20-29. Trad. Murilo Duarte Costa Correia. (S,L.), 2010b. Disponível em <<http://murilocorrea.blogspot.com.br/2010/04/mais-alem-dos-direitos-do-homem-de.html>>. Acesso em 25 de outubro de 2011.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Trad. Werner Fuchs. Rio de Janeiro: Eduerj; Contraponto, 2006.
- BRASIL. *ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8.069 de 13 de junho de 1980
- BRASIL. *CÓDIGO DE MENORES* – Lei 6.697 de 10 de outubro de 1979
- BRASIL. *CÓDIGO DE MELLO MATOS* – Decreto nº 17.943-A de 12 de outubro de 1927.
- BRASIL. SENADO. Notícias do senado. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=102299&codAplicativo=2>>. Acesso em: 15 de outubro de 2011.
- BRASIL. *SINASE* – [S.l.]: *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo*, 2006.
- BRASIL. *SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo*. Projeto de Lei 1.627, 2007
- CIORAN, Emile. *História e Utopia*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Educador: novo milênio, novo perfil?* São Paulo: Paulus, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Aventura Pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ser Empresário: o pensamento de Norberto Odebrecht*. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

- \_\_\_\_\_. *Por uma política nacional de execução das medidas socioeducativas: conceitos e princípios norteadores*. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *As bases éticas da ação socioeducativa: referenciais normativos e princípios norteadores*. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006b.
- \_\_\_\_\_. *Socioeducação: estrutura e funcionamento da comunidade educativa*. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006c.
- \_\_\_\_\_. *Os regimes de atendimento no Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006d.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros para formação do socioeducador: uma proposta inicial para reflexão e debate*. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006e.
- \_\_\_\_\_. *Guia do Educando II – trabalho de campo: exercício de protagonismo juvenil*. Uberlândia: IAMAR, 2008.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006.
- CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CARVALHO, Josué e CARVALHO, Lindalva. *A educação social no Brasil: contribuições para o debate*. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social. 2006. Acessado em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100024&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100024&lng=en&nrm=iso&tlng=pt).
- CILLERO, Miguel. A responsabilidade penal do adolescente e o interesse superior da criança. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, 2013 (8): 1-9.
- COLOMBO, Irineu. *Adolescência Infratora Paranaense: história, perfil e prática discursiva*. Brasília, 2006. Tese de Doutorado em História apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília.
- DELEUZE, Gilles. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche*. Trad de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Diferença e Repetição*. Trad de Luiz B.L Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Esgotado*. Trad. Ovídio de Abreu e Roberto Machado. In Gilles Deleuze: Sobre o teatro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Empirismo e Subjetividade*. Trad. Luiz B. Orlandi. São Paulo: 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Ilha Deserta*. Edição preparada por David Lapujade. Diversos Tradutores. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbert. Rio de Janeiro: 34, 1992.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Georges Lamaziere. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.1 I*. Trad de Aurélio Guerra Neto e Celia P. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Munhoz. São Paulo: 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*, Trad. De Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*. In *Cadernos de Subjetividade*. Trad. De Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: PUC-SP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FRASSETO, Flávio Américo et al. Gênese e desdobramentos da lei 12594/2012: reflexos na ação socioeducativa. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, 2012 (6): 19-72.
- GIANGARELLI, Patrícia e ROCHA, Andréa. Adolescente privado de liberdade: um estudo dos argumentos do Judiciário para aplicação da medida socioeducativa de internação. *Revista de Serviço Social*, Londrina, v. 14, n.1, pp. 173-197, Jul/dez 2011.
- GIACOIA, Oswaldo. Nietzsche: entre o servo e o livre arbítrio. In: André Martins (org.). *O Mais Potente dos Afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2012.
- \_\_\_\_\_. Sobre direitos humanos na era da bio-política. *Kriterion*, Belo Horizonte, v.49, n.118, p.267-308, dez. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2008000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2008000200002). Acesso em: 15 jun. 2011.
- HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- IASP. Instituto de Ação Social do Paraná. *Cadernos do Iasp: Rotinas de Segurança*. Curitiba, 2006.

- \_\_\_\_\_. Instituto de Ação do Paraná. *Cadernos do Iasp: Gerenciamento de Crise nos Centros de Socioeducação*. Curitiba, 2006.
- \_\_\_\_\_. Instituto de Ação do Paraná. *Cadernos do Iasp: Práticas de Socioeducação*. Curitiba, 2007.
- \_\_\_\_\_. Instituto de Ação do Paraná. *Cadernos do Iasp: Compreendendo o Adolescente*. Curitiba, 2006.
- \_\_\_\_\_. Instituto de Ação do Paraná. *Cadernos do Iasp: Gestão de Centro de Socioeducação*. Curitiba, 2006.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: Michel Foucault. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MAKARENKO, Anton. *Poema Pedagógico*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: 34, 2012.
- MARASCHIN, Cleci; RANIERE, Édio. *Socioeducação e Identidade: onde se utiliza Foucault e Varela para pensar o Sinase*. Revista *Katálysis*. Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 95-103, jan./jun, 2011.
- MARCONI, Marina de Andrade. *Técnica de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. Nietzsche, pensador da suspeita In: *Curso livre de humanidades*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NVMjJWekolk>. Acessado em 10/06/2013.
- MÉNDEZ, Emilio García. *Infancia. De los derechos y de la justicia*. Buenos Aires: Editores del Puerto, 1998
- MÉNDEZ, Emilio Garcia e COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Das Necessidades aos Direitos*. São Paulo: Catavento, 1994.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não Escritos*. Trad. Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O Anticristo*. Trad. Prietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espírito livres*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A Vontade de Poder*. Trad. Marcos Sinésio Fernandes, Francisco José dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 a.
- \_\_\_\_\_. *Escritos Sobre Direito*. Trad. e Org. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009 b.



- \_\_\_\_\_. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo. Trad. Paulo Cesar de Souza. Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.
- OLIVEIRA, Carmem Silveira de. Apresentação. In: *Socioeducação: estrutura e funcionamento da comunidade educativa*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.
- OLIVEIRA, Claudio. A Herança foucaultiana de Agamben. *CULT*, São Paulo, n.134, [2010]. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-heranca-foucaultiana-de-agamben/>>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovensani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- RODRIGUES, Heliana de Barros. Para um Foucault do ano 2100: ética, política e direitos da criança. In: Cacília Coimbra (org.) *Pivetes: encontros entre a Psicologia e o Judiciário*. Curitiba: Juruá, 2010.
- ROSE, Nikolas. *Governando a alma: a formação do eu privado*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Liberdades reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.30-45.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia como uma Ciência Social*. *Psicologia & Sociedade*; 20 (2): 155-164, 2008,
- SCHUCH, Patrice. *Práticas de Justiça: antropologia dos modos de governo da infância e juventude no contexto pós-eca*. Porto Alegre: Edufrgs, 2009.
- SEDH. Portal da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Acessado em 10/10/2013. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/conanda/OqueeoCONANDA.pdf>
- \_\_\_\_\_. Relatório SINASE de 2011. Acessado em 16/12/2013. Disponível em: <http://www.anajure.org.br/wp-content/uploads/2013/04/LEVANTAMENTO-NACIONAL-2011.pdf>
- SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 16-39, 2003. Disponível em: <[www.uspleste.usp.br/nasce/arquivos/educacao/juventudeepoliticaspUBLICASnobraasil.pdf](http://www.uspleste.usp.br/nasce/arquivos/educacao/juventudeepoliticaspUBLICASnobraasil.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2011.
- ZOURABICHVILLI, François. Deleuze e o Possível (Sobre o Involuntarismo na Política) In: Eric Alliez (org.) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Trad. Maria Cristina Franco Ferraz. São Paulo: 34, 2000.

Édio Ranieri

Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: [edioranieri@gmail.com](mailto:edioranieri@gmail.com)

Cleci Maraschin

Docente e orientadora dos PPG em Psicologia Social e Institucional e Informática na Educação/UFRGS. Pesquisadora CNPq.

E-mail: [cleci.maraschin@gmail.com](mailto:cleci.maraschin@gmail.com)

<sup>1</sup> “Foi por essa época que, pela primeira vez, ouvi falar num certo Makarenko, educador soviético, autor de um livro chamado *Poema Pedagógico*. Encontrei um exemplar em espanhol. A encomenda demorava a chegar. Eu me impacientava. A verdade é que os livros da minha pequena estante, leituras do curso de Pedagogia, não continham respostas para os problemas que o dia-a-dia nos colocava. E o sufoco, cada vez mais, só fazia aumentar. Na verdade, eu temia que a gente não fosse durar muito tempo por ali. Ao caos interno somavam-se as pressões das “forças morais” de Ouro Preto pela nossa demissão. As coisas não estavam nada fáceis” (COSTA, 2001, p.12).

<sup>2</sup> Cabe ressaltar que a aposta na ética deontológica – responsabilidade individual, dever – já aparece em Makarenko, sendo ele inclusive, extremamente criticado, por outros pedagogos marxistas, por esta opção. “O camarada Makarenko quer construir o processo pedagógico sobre a ideia do dever. É verdade que ele acrescenta a palavra “proletário”, mas isto não pode camaradas, ocultar de nós a verdadeira essência da ideia. Aconselhamos o camarada Makarenko a examinar atentamente a gênese histórica da ideia do dever. Ela é uma ideia de relações burguesas, uma ideia de ordem profundamente mercantilista. A pedagogia soviética procura educar no indivíduo a manifestação livre das forças e inclinações criativas, a iniciativa, mas de maneira alguma a categoria burguesa do dever” (MAKARENKO, 2012, p.633). Contudo, em nenhum momento Makarenko se presta a fazer da responsabilidade uma estratégia de mercado, tal qual encampada pelo Plano Individual de Atendimento – PIA – proposto pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.

<sup>3</sup> A pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais, por isso os indivíduos precisam aprender a se adaptar aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes através do desenvolvimento da cultura individual. A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difunda a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições. Historicamente, a educação liberal iniciou-se com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia renovada (também denominada escola nova ou ativa), o que não significou a substituição de uma pela outra, pois ambas conviveram e convivem na prática escolar (LUCKESI, 1994, p, 55).

<sup>4</sup> Música de Valmir Dor Vasconcelos, utilizada no espetáculo Nietzsche Theatrum – jogos cênicos in genealogia da moral. Espetáculo produzido pelo Coletivo Profanações sob direção de Édio Raniere.

<sup>5</sup> Glossário elaborado a partir da experiência profissional do autor em colaboração com o psicólogo Leandro Muller, atualmente responsável pelo Centro de Internação Socioeducativa Fazenda Rio Grande, no município de Fazenda Rio Grande, Paraná.